

Na Chapada dos Guimarães surgiu o diamante e tudo se transformou

A cidade da fortuna sem dinheiro

LÚCIO CÉSAR TADEU
Correspondente em CUIABÁ

Ninguém fala ou vive em função de outra coisa que não seja o diamante do município de Chapada dos Guimarães, situado no coração da América do Sul em meio às matas, ao cerrado e às monumentais formações rochosas da Amazônia mato-

grossense. Há atividades comuns a uma cidade, mas nenhum comerciante, fazendeiro ou morador daquele município deixou um dia de entrar no mercado das pedras, achadas em abundância nas dezenas de garimpos existentes em Chapada.

Grandes fortunas são negociadas semanalmen-

te nos garimpos e a rotatividade de dinheiro é alta. Isso, entretanto, não significa benefícios para esse pobre município. Muito pelo contrário, conta o prefeito, pois a descoberta das "manchas" causa o êxodo urbano, com pessoas saindo para o garimpo e abandonando funções vitais à vida da cida-

de. Não há estrutura para controlar o fluxo de diamantes. Segundo os dados municipais, Chapada recolhe mensalmente menos que Cr\$ 1.000,00 de Imposto Único sobre Minerais, quantia inferior a 1% do total negociado nos garimpos.

Para Chapada dos Guimarães não restam

muitas opções. Uma administração municipal que não agrada, um projeto de exploração do potencial turístico existente na área abandonado pelo governo federal, a agricultura desativada pela falta de financiamento, a maioria das posses não legalizada. Tudo isso contribui para o empobreci-

mento dos habitantes rurais de um dos mais belos municípios do Brasil. De animador, restam apenas as previsões dos adeptos do esoterismo, segundo as quais a região de Chapada será o palco para o surgimento de uma nova raça, pura, remanescente do mundo atual e que garantirá a continuação da humanidade.



A descoberta de "manchas" de diamante fez surgir na região todos os tipos de problema, e a Chapada fica à espera não mais da riqueza da pedra, mas da agricultura ou do turismo

As pedras trouxeram tudo, menos uma opção

Só uma coisa consegue quebrar a soberania do potencial turístico e da mística forma de viver dos habitantes de Chapada dos Guimarães, município cujos limites com Cuiabá formam o centro da América do Sul, situado no Estado de Mato Grosso, a 65 quilômetros da capital. Mas ninguém estranha. Trata-se do diamante, já íntimo dos cerca de 15 mil habitantes de Chapada, pedra misteriosa que já causou tantas mortes e que também já enriqueceu tanta gente.

As dezenas de garimpos existentes naquela região já fazem parte do cotidiano dos pacatos e humildes moradores do município, que era, até o ano passado, o maior de todos no mundo, com 204 mil quilômetros quadrados de extensão. Ali, todos pensam em achar, comprar ou vender as pedras. Tudo gira em torno do diamante, todos comercializam e vivem pelo diamante.

De repente, entretanto, é descoberta uma "mancha", local onde há diamantes em abundância e de ótima qualidade (existem "manchas" de onde saem dezenas de milhões de cruzeiros em pedras). A vida do município, então, se transforma. Gente de todos os lados do Brasil desloca-se para seu território, em busca de riqueza, que acaba ficando apenas para os mais espertos, geralmente de outros lugares. Quando tudo se acaba os garimpos retomam a normalidade. A pobreza e a esperança de um outro grande achado voltam a imperar juntas em toda a região.

"É sempre assim, contessa o prefeito de Chapada, Ursolino Pereira de Freitas, que também já foi garimpeiro. Só quando é achada uma "mancha" é que a cidade consegue arrecadar alguma coisa da exploração das pedras, pois todos gastam na sede do município."

"De Imposto Único sobre Minerais (IUM), revela Ursolino, recolhemos mensalmente para os cofres do município menos que Cr\$ 1.000,00. Normalmente tudo fica em torno de Cr\$ 500 e Cr\$ 700." Mas se o município não ganha quase nada com a exploração de seu terreno, o mesmo não acontece com os compradores e intermediários, que utilizam a mão-de-obra dos garimpeiros para enriquecer. É uma pedra de sete quilates, por exemplo, que é comprada do garimpeiro por cerca de Cr\$ 600 mil, chega a ser vendida nos grandes centros por Cr\$ 2 milhões.

O grande negócio do mercado do diamante parece não estar no garimpo em si, mas sim no comércio que se criou em torno da pedra. Assim, poucas saídas restam ao garimpeiro, geralmente extremamente pobre e trabalhador. Leva-se meses ou mesmo anos para achar uma pedra realmente valiosa, que compense o trabalho árduo e ininterrupto. Quando aparecem pedras desse tipo, entra em funcionamento um esquema perfeito de controle por parte dos compradores, para evitar que o garimpeiro e seu sócio (conhecido como "meia praça") consigam vender a pedra

pelo seu real valor. Esse esquema, aliado à falta de um maior esclarecimento por parte dos garimpeiros, leva à riqueza apenas os compradores, conforme denuncia Ursolino Pereira, o prefeito.

"Se aparece uma pedra valendo, por exemplo, Cr\$ 100 mil, diz ele, o comprador oferece essa quantia. Se o garimpeiro não aceitar e levar o achado embora, esse comprador entra em contato com todos os outros compradores e manda "queimarem" a pedra. Assim, o garimpeiro somente receberá ofertas bastante inferiores a Cr\$ 100 mil, até que ele volte ao primeiro que procurou. Só que, então, este já não garante mais esse preço, e oferece muito menos. E o garimpeiro acaba vendendo, perdendo muito".

A concorrência é pouca, por causa da febre do ouro gerada pelas descobertas de Serra Pelada, e isso facilita o descontrolado por parte do governo, situação bastante favorável aos compradores, que têm seu próprio esquema. Como vem acontecendo há anos, a riqueza nunca fica para o município, para o Estado ou mesmo para a União, concentrando-se entre poucas pessoas.

Apolônio Bouret e Catarino Teixeira são os dois únicos compradores autorizados oficialmente à compra e venda do diamante extraído nas terras de Chapada dos Guimarães. O primeiro mantém uma fazenda com 4 mil hectares quase que não são aproveitados, pois tudo ali gira em torno do garimpo do "Buritizinho", onde dezenas de garimpeiros tentam a sorte há mais de 9 anos. É uma situação comum em Chapada, apontada como uma das causas da demora do município em se desenvolver. Quando é descoberto um garimpo ou então surge uma "mancha", a fazenda pára de produzir alimentos e passa a viver para o garimpo. Tudo o que se produz é para o consumo interno, conforme mostra Augusto Boret, filho de Apolônio.

Na mesma situação existem inúmeras fazendas, que abrangem alguns dos garimpos mais famosos de Mato Grosso pela abundância das pedras, como o "Buritizinho", "Campestre", "Mamão", "Quilombo" (este o mais antigo de todos, citado inclusive em passagens históricas). Não há necessidade de se dedicar à agricultura ou à pecuária em escala superior à necessária para a alimentação dos empregados e garimpeiros, revelam os proprietários. Semanalmente, em todos os garimpos, enormes quantidades de dinheiro são negociadas e desperdiçadas pelos garimpeiros, no jogo, com aguardente, com mulheres e com excentricidades.

O garimpeiro Rosalvo José Rodrigues (o Belia-flor), balano de 66 anos, gastou Cr\$ 300 mil dessa forma, em poucos dias, depois de ter vendido uma pedra por Cr\$ 600 mil, achada no garimpo do "Buritizinho". Os outros Cr\$ 300 mil deixou com o patrão, Apolônio Bouret, um remanescente da violenta época do coronelismo, quando mandava quem tinha patente e força nos braços.

Apolônio é muito respeitado por todos e isso seu filho conta com orgulho. O comprador Catarino Teixeira também é venerado pelos homens que trabalham em seu garimpo (o "Campestre"), onde o diamante é extraído no barranco sem água, apenas com as pás e picaretas dos garimpeiros. Os outros garimpos ficam às margens de rios, entre eles o rio Quilombo, onde há muito diamante. No garimpo "Campestre" a quantidade de pedras extraídas é menor do que a dos movidos à água. Mas lá existem cerca de 200 garimpei-

ros que trabalham sem parar, na esperança da sorte chegar, achar uma pedra grande e, quem sabe, nunca mais precisar trabalhar.

Esse é o caso de Manoel da Silva, um mato-grossense que há oito meses tenta a sorte abrindo valas e escorando a terra com pedras recolhidas no leito do rio. Apesar do trabalho ininterrupto (até o Natal tinha cavado dezenas de metros), nunca viu um diamante por ali. Herculano Jerônimo, Francisco e Jovelino são três garimpeiros que tiveram mais sorte — mas não tanta — do que Manoel: acharam alguns "chibius", nome dado às pedras de pequeno porte que não alcançam um quilate.

Todos esses garimpos situam-se nos arredores do distrito de Água Fria, distante 40 quilômetros de Chapada dos Guimarães. É o lugar mais antigo de Chapada, que não se desenvolve justamente por estar no centro da região de garimpo. "Todos abandonam as terras e vão garimpar" desabafa o prefeito.

All se concentram garimpeiros de todas as partes, que nos fins de semana deixam seus casebres escorados com madeira e feitos com palha do coqueiro de buriti — facilmente encontrado em toda a região amazônica — e se aglomeram na pensão e bar do comerciante Minervino Pereira da Rocha, o "seu Pereira, como é chamado. No "bolicho" (os pequenos bares são chamados assim na Amazônia) do Pereira, que também é juiz de paz, presidente da APM de Água Fria e ex-jornalista, contam-se os casos ocorridos com os garimpeiros durante a semana. Foi lá que se tornou hábito contar aos visitantes a história do garimpeiro que achou um bom diamante e duas pepitas de ouro nas redondezas e perdeu as duas pepitas em um jogo de palitinho.

Garimpeiro não tem juízo, e nisso todos concordam, como justificativa para atos como aquele, e isso o visitante também fica sabendo. O garimpeiro Manoel, negro alto e pingüço, que gosta de ser guiado por jornalistas, mostra com um orgulho inexplicável uma perfuração no braço direito, fruto de um tiro que levou por causa do jogo de baralho. São apostadas grandes fortunas em ouro e diamantes nesses jogos e geralmente saem tiros e feridos, conta Manoel. As mulheres também são motivo de briga nessas áreas. Elas geralmente "ficam por conta do dono do garimpo, que depois desconta a despesa em diamantes".

A maioria dos garimpeiros trabalha apenas em troca de comida, garantida pelo fornecedor (sócio), que assim ganha o direito de receber 50% do valor das pedras achadas — quando achadas. É comum, portanto, os garimpeiros transitarem de um lado a outro, armados e a cavalo, com sacos de alimentos que têm de durar o mês inteiro. Cada um tem direito a apenas certa quantidade mensal. Quatro quilos de açúcar e balha, 13 de arroz, 13 de feijão e algum sal compõem a cota de cada um. A carne fica por conta da matança do gado ou do rio, onde há muito peixe bom.

Em todo esse mundo, a rotatividade de dinheiro e pedras preciosas é grande, mas nunca ninguém vai chegar e garantir que possui algo econômico, com exceção apenas dos donos de garimpo e compradores de pedra. Assim, apesar do diamante, há pobreza em quase todas as partes de Chapada dos Guimarães, município onde o diamante trouxe de tudo, menos uma opção para a pobre economia local.



Entre a beleza e o mistério, a nova raça

Não fosse a divisão pela qual passou o Estado de Mato Grosso e Chapada dos Guimarães ainda seria o maior município em extensão territorial de todo o mundo, posição que ostentou com seus 204 mil quilômetros quadrados, hoje reduzidos a apenas 10 mil. Seus habitantes, no entanto, parecem não tomar conhecimento dessa brusca diminuição. Para eles, os diamantes, a

beleza e o mistério com os quais convivem diariamente representam muito mais do que posições de destaque mundial.

Sua beleza é natural, quase inexplorada. A Embratur tornou 30 mil hectares de Chapada zona prioritária de turismo, em 1975, mas ficou só nisso. Foi aberta uma estrada, asfaltada, com 65 quilômetros de extensão ligando Cuiabá à sede do município de Chapada, caminho construído para ser uma espécie de eixo turístico, cortando os pontos considerados mais acessíveis e bonitos da região (o rio Mutuca, as cachoeiras "Salgadeira" e "Véu de Noiva", este com 72 metros de queda livre, e o "Portão de Inferno"). Além disso, nada mais foi feito, à exceção dos folhetos explicativos que são distribuídos em hotéis da capital de Mato Grosso.

Nem mesmo o governo estadual parece muito interessado em desenvolver projetos desse tipo (o orçamento para o turismo programado para 81 não chega a Cr\$ 40 milhões), embora este tenha sido a base das campanhas eleitorais de vários políticos e de promessas dos executivos, conforme contam os chapadenses com um pouco de desânimo. Assim, hoje, esse município já não espera muita coisa do turismo que pode ser explorado, como mostrou o prefeito Ursolino Pereira de Freitas. Um terreno arenoso impede também esperanças com a agricultura, que mesmo assim ainda é a sua maior fonte de renda. Talvez seja por essas indefinições que Chapada vive a constante febre do diamante, comum nas dezenas de garimpos que se espalham pela sua terra.

As histórias que percorrem de boca em boca os vilarejos que compõem a paisagem de Chapada dos Guimarães deixam todos muito perturbados. Ainda mais que formaram-se grupos esotéricos que elevam Chapada à condição de ponto de encontro dos escolhidos para a formação de nova raça, "pura, que representará outra etapa "para o fim dos tempos". Os mistérios apresentados nessas teorias parecem ter contaminado grande parte dos quase 15 mil moradores de Chapada. Tanto que, hoje, muitos juram ter visto várias vezes luzes sobrevoando regularmente as formações rochosas, ter ouvido gritos próprios de animais pré-históricos, e até que já teriam sido acompanhados de perto por aliens.

De concreto, entretanto, resta pouca coisa. Foram encontradas recentemente, por repórteres e cinegrafistas de uma televisão local, algumas inscrições feitas nas pedras, com desenhos em baixo relevo e pinturas rupestres, como definiram. Entre essas inscrições, comoforme relatam entusiasmados pesquisadores, pode-se notar sinais que comprovam a ocorrência de fenômenos como neste continente e que havia vida com uma ancestral inteligência em toda esta região. Eles não param aí: afirmam que esses seres ultra-inteligentes escolheram Chapada dos Guimarães como caminho para algum lugar e referem-se aos incas como responsáveis pelo surgimento dessa raça, tudo baseado no que foi encontrado nas pedras.

Por parte dos chapadenses, as histórias e crenças giram em torno de algumas estranhas formações rochosas que são encontradas isoladamente em cima da serra que originou o nome "chapada". No Morro do Cambambe, por exemplo, contam alguns moradores do vilarejo de Água Fria, há uma caverna que exala forte cheiro de enxofre e onde também já foram encontrados, por eles, sinais da existência, ainda

com vida, de animais remanescentes da pré-história. Muitos acreditam ser um vulcão que daqui a alguns milhares de anos entrará em erupção e se tornará o primeiro acidente desse tipo no Brasil.

Há também os morros do Japão e o de São Jerônimo, onde contam terem sido encontrados sinais da passagem, há muito tempo, de uma vida extremamente inteligente, capaz de dominar os segredos da natureza e controlá-los em seu benefício.

Uma caminhada de 15 quilômetros por entre a vegetação rasteira, que caracteriza o cerrado da região Centro-Oeste, leva a um conjunto de monumentos de pedra que formou-se lentamente com a constância dos ventos e o desgaste das pedras. É esse conjunto chamado de "Cidade de Pedra" por alguns, por assemelhar-se muito a uma metrópole, com seus edifícios vistos à distância.

São histórias e belezas naturais que, bem aproveitadas, poderiam representar o fim da pobreza latente no Interior de Chapada, não nas fazendas, onde há fartura, mas nos vilarejos e casebres isolados, que são achados aos montes às margens dos caminhos arenosos. É um povo pacato, que nunca pensou em protestar abertamente contra a sua situação e que se sente orgulhoso de receber a visita esporádica de gente importante e abastada. É para que a paz continue a reinar, sem protestos, que Seu Manequinho, dono de um garimpo e líder do PDS em Água Fria, insiste em afirmar em público, sempre que pode, que o povo daquele lugar é "pobre financeiramente, mas rico econômica e espiritualmente", num jogo de palavras que confunde os moradores e garimpeiros.

Em termos políticos, Chapada conseguiu representar uma vitória para o governo. Formada em uma sesmaria, poucos fazendeiros ou ocupantes de pequenos trechos de terra possuem a escritura de posse. A maioria é posseiro, como admite o próprio prefeito Ursolino Pereira de Freitas. A vitória política caracterizou-se quando foram isolados os pontos mais tenhos, onde a morte e a luta pela terra tornaram-se companheiras inseparáveis. As regiões de luta foram incorporadas a outros municípios menores e com menos estrutura, deixando Chapada aparentemente em paz.

Apesar disso, Chapada dos Guimarães nunca recebeu apoio irrestrito dos governos federais e estaduais que se sucederam, sempre com promessas nem sempre cumpridas. Nesse ponto, o prefeito atual tem certo receio em chegar, mas, como todos sabem é no setor econômico que aquele município mais se ressentia da falta de apoio. Além do garimpo que desvia a mão-de-obra, o governo federal não financia maquinário agrícola a quem não possui títulos de posse definitivos. Agora foi cortada a linha de crédito também aos que têm a situação legalizada, por causa da constituição arenosa do terreno, que reduz a vida útil do maquinário a menos da metade que o normal.

A nível estadual, os fazendeiros também reclamam bastante. Afinal, foi o próprio governo de Mato Grosso, por meio de órgãos e especializados, que também reduziu o apoio à agricultura de Chapada dos Guimarães. Dessa forma, este município encravado no coração da América do Sul tem que ficar esperando que sua economia siga naturalmente pelo caminho ou da agricultura ou do turismo. Ou então que se concretizem as profecias feitas pelos espiritualistas e tudo ali se transforme num imenso paraíso, sem problemas e com a bênção do criador.

Fotos Lucio Cesar Tadeu